

Crise do *Bildungsroman* no século XX: O jovem Törless e Retrato de um artista quando jovem

*Bildungsroman crisis in the 20th century: The young Törless and Portrait of an artist as
a youth*

Anderson Santos¹

Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo: O trabalho propõe uma discussão baseada no argumento de Franco Moretti (2020) de que a forma simbólica do *Bildungsroman* apresenta uma crise no século XX e produz romances de formação tardios e atrofiados. O objetivo é fazer uma análise dos romances O jovem Törless, de Robert Musil e Retrato de um artista quando jovem, de James Joyce, apontando como os heróis sofrem uma retração que impede o desenvolvimento exemplar e falham em concretizar uma consonância que estabeleça a formação de seus protagonistas. A conclusão sem harmonia com o conjunto social está relacionada aos traumas da juventude, ao contexto histórico conflituoso do século XX, a fragmentação do sujeito moderno e forças coercitivas das instituições educacionais onde são internados.

Palavras-chave: *Bildungsroman*. Romance de Formação. Século XX.

Abstract: The work proposes a discussion based on Franco Moretti's argument (2020) that the symbolic form of the *Bildungsroman* presents a crisis in the 20th century and produces late and atrophied formation novels. The objective is to make an analysis of the novels The Young Törless, by Robert Musil and Portrait of an Artist as a Young Man, by James Joyce, pointing out how the heroes suffer a compression that prevents exemplary development and fail to materialize a consonance that establishes the formation of its protagonists. The conclusion without harmony with the social group is related to the traumas of youth, the conflicting historical context of the 20th century, the fragmentation of the modern subject and the coercive forces of the educational institutions where they are hospitalized.

Keywords: 20th century. *Bildungsroman*. Formation novel.

INTRODUÇÃO

O *Bildungsroman* é um gênero romanesco que remete a Alemanha do século XVIII, caracterizado pela narração da trajetória de um herói rumo a sua formação exemplar por meio de etapas de desenvolvimento e sua relação com o meio social ao qual se modela. Surgiu da necessidade da sociedade burguesa – à época ainda incipiente – em ver-se representada nas artes, aliada à necessidade de um modelo de educação admirável para a vida adulta que devia ser empreendida pelos sujeitos para atingir um elevado grau de

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (2019). Atualmente é professor efetivo de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Olinda e doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: andersonfelixletras@gmail.com.

conhecimento intelectual, moral, artístico, científico e econômico. Essa formação não está necessariamente ligada aos ambientes institucionais, mas a todo tipo de atividade de conhecimento ou autoconhecimento que os protagonistas experimentam.

O termo, cunhado pelo professor alemão Karl Morgenstern em 1810, é frequentemente associado ao romance de Johann Wolfgang von Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), por este ter marcado o surgimento da tradição literária de formação do indivíduo desde sua infância até, quase sempre, seu desenvolvimento e aperfeiçoamento em meio a trajetória pessoal e a relação com a sociedade.

Embora surgido em um contexto singular, de acordo com o professor Franco Moretti (2020), o romance de formação apresenta-se "como uma narrativa particularmente sensível às grandes mudanças históricas" (Moretti, 2020, p. 277). Em outros termos, através dos fenômenos políticos e históricos, o século XIX permitiu uma expansão de sua forma simbólica e o surgimento de notáveis romances que possuem no cerne da narrativa a formação do herói, com desenvolvimentos diferentes, balizados pelas experiências próprias de cada país, mas partindo da matéria clássica do *Bildungsroman*, como por exemplo *Grandes esperanças* e *Jane Eyre*, na Inglaterra; *A educação sentimental* e *O vermelho e o negro*, na França.

Após a ascensão do romance alemão no século XVIII, com base no protótipo de Goethe, seguido das reestruturações formais e temáticas em outras regiões europeias no século XIX, Moretti (2020) aponta para uma crise do gênero no século XX, embora tenha uma época fervorosa e radical no campo das letras, com uma constelação exemplar de romances considerados de formação. A título de exemplo, foi em 1906 que Robert Musil publicou *O jovem Törless*, uma década depois, em 1916, veio à luz *Retrato de um artista quando jovem*, de James Joyce, escrito entre 1904 e 1914, dentre outros.

Ainda assim, com tão notáveis exemplos, a tradição do romance de formação estaria encerrada. O teórico atribui a esses títulos, entre outros, a nomenclatura de "romance de formação tardio" (Moretti, 2020, p. 346) porque julga que falharam em apresentar a formação exemplar dos heróis e decreta o ocaso do gênero. Baseado nesse argumento, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise dos romances *O jovem Törless* e *Retrato de um artista quando jovem*, descrevendo como os heróis sofrem uma retração que impede o desenvolvimento.

1 BILDUNGSROMAN E A CRISE NO SÉCULO XX

Segundo a professora Wilma Patrícia Maas (2000), o termo Romance de Formação indica dois conceitos fundamentais de significação própria. O substantivo Formação aponta para a necessidade de aperfeiçoamento do jovem burguês e seu amadurecimento como homem que vivencia a cidadania alemã, seria a transição do mérito herdado para o mérito pessoal adquirido. Romance, por sua vez, determina não somente o gênero, mas a guinada de valoração positiva que este sofreu, conduzido pelo aparecimento de grandes romancistas e reconhecimento do público como um trabalho intelectual.

Desse modo, a tradição do Romance de Formação se funda pela aspiração de desenvolvimento da burguesia e a tendência de plasmar essa realidade através da literatura.

O *Bildungsroman* foi o gênero eleito como modelo ideal para expressar os sentimentos de uma sociedade que se solidificava na Alemanha do século XVIII, tendo como protótipo a obra de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

Mais importante que a ideia de formação exemplar do indivíduo, o romance de formação prescinde da noção de processo, ou seja, de acompanhamento do desempenho do sujeito por meio de seu aprendizado: “processo, neste contexto, é a sucessão de etapas, teleologicamente encadeadas, que compõem o aperfeiçoamento do indivíduo em direção à harmonia e ao conhecimento de si e do mundo” (Maas, 2000, p. 27). No romance de formação o personagem alcança a integração social ou um sentimento de coerência dada sua efetiva educação para o mundo. Portanto, os heróis dos romances deste gênero estão em busca de um final conciliatório, de modo que sua formação se dê pelo desfecho harmonioso que seja condizente com sua trajetória.

De acordo com Bakhtin (1997), a diferença fundamental entre o herói dos romances e o herói do *Bildungsroman* é que no romance convencional ele permanece imutável, embora seja acometido por variadas dificuldades.

Na maioria dos casos, o romance (e as variantes romanescas) conhece apenas a imagem *pré-estabelecida* do herói. A dinâmica do romance, os acontecimentos e episódios nele representados, consiste em movimentar o herói no espaço, na hierarquia social: ele é mendigo, fica rico, é plebeu, torna-se nobre. O herói ora se aproxima, ora se afasta de seu objetivo – da noiva, da vitória, da riqueza, etc. Os acontecimentos modificam-lhe o destino, a situação na vida e na sociedade, ao passo que ele permanece inalterado, sempre igual a si mesmo (Bakhtin, 1997, p. 237, grifos do autor).

Por outro lado, no romance de formação, as alterações operadas no herói são fundamentais para constituição do enredo, compondo harmoniosamente o conjunto:

Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma *grandeza variável*. As mudanças por que passa o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e sua vida (Bakhtin, 1997, p. 238, grifos do autor).

De acordo com Moretti (2020), no século XIX a forma simbólica do romance de formação sofre alterações frente a posição do herói diante da História e das normas sociais dos novos tempos: o protagonista é ambicioso, dinâmico, multifacetado e intranquilo, vivendo sob pressões de um capitalismo crescente, do surgimento de novos ideais, da aspiração à liberdade.

Essa nova forma existe com três características específicas que o faz fruto de um século novo, com um pensamento diferente daquele que Goethe fundou: primeiramente, fixa-se por meio de uma representação da juventude como parte de um processo histórico, com existência breve, o herói não é capaz de absorver toda uma realidade histórica, apenas apresenta um ponto de vista sobre ela. Segundo, compõe-se de uma proposta de atenção aos detalhes, através de sátiras e humor. Por último, apresenta o herói comum, cotidiano, normal, de existência terrena. Isto é, ao colocar em evidência os aspectos micro narrativos,

o *Bildungsroman* do século XIX demonstram as pressões sociais que afligem o herói por meio outras personagens, apresentando-as como relações entre indivíduos.

No romance de formação que se produz no século XX, ao contrário, as pressões sociais são demonstradas por meio das instituições. Ocorre a despersonalização dos agentes individuais e estes passam a ser representados pelas instituições, figuras disformes, que não estão sendo interpretadas por nenhum personagem específico, como a religião ou o colégio. Moretti (2020) defende que é esse século que encerra a tradição *Bildungsroman* europeu, produzindo romances de formação tardios pois as obras do gênero produzidas refletiam uma crise no gênero. Nas palavras do autor:

Ao passo que durante todo o século XIX o romance tende a personalizar as relações sociais, apresentando-as como relações entre indivíduos, no romance de formação tardio são as instituições que são apresentadas como tais (Moretti, 2020, p. 346).

O argumento usado para sustentar sua tese é que a transformação ocorrida com a Guerra Mundial modificou os princípios ontológicos, "porque a guerra mata de verdade, e em vez de renovar a existência individual, declara sua insignificância" (Moretti, 2020, p. 345). Segundo o teórico, deve-se considerar as condições histórico-filosóficas não apenas em sua capacidade de permitir o surgimento de novos gêneros, mas também em seu potencial de atrofiar a evolução criativa e artística.

Em virtude disso, Maas (2000) considera que o conceito de formação enquanto desenvolvimento teleológico sofre uma ruptura no século XX, um período no qual "condições históricas que sustentavam o grande projeto burguês esfacelam-se, ao mesmo tempo que a personalidade individual se descobre fragmentária" (Maas 2000, p. 209), revelando uma complexidade interior deslocada que não consegue corresponder harmonicamente à perspectiva histórica que se apresenta.

No começo do século XX, o que se encontra é uma juventude completamente fragmentada pelo surgimento de um novo século que apresentaria, logo em seu primeiro quartel, uma Guerra Mundial, que embora só vá eclodir em 1914, já era precedida por um conflito de ideologias e traumas. Já nos primeiros anos do século, estava em evidência a derrocada da utopia de uma sociedade regida pelo progresso, que prometia desenvolvimento igualitário e melhores condições de vida. Retomando as palavras do teórico: "a guerra é um ato final de um processo já em curso: o apocalíptico golpe de misericórdia no gênero literário que, na virada do século, já tinha os dias contados" (Moretti, 2020, p. 345-346).

Assim, a Guerra foi, segundo Moretti (202), o último estágio de processo da derrocada do gênero inaugurado por Goethe, restando uma juventude devastada e sem referências. Ao mesmo tempo, as instituições pedagógicas, como internatos, crescem e passam a ocupar um espaço determinante na educação da juventude. Encontra-se na literatura ocidental incontáveis romances cujas experiências se passam dentro de instituições escolares. Esses espaços são, em certa medida, um microcosmo do mundo social, um lugar que treina e educa os jovens para sua inserção definitiva no mundo. Nessa perspectiva, é um ambiente que, frequentemente, aparece nos *Bildungsromane*, pois

representa o espaço capaz de proporcionar a "integração funcional dos indivíduos *dentro* do sistema social" (Moretti, 2020, 347, grifos do autor).

É frequente, embora não obrigatório, que o processo formativo esteja associado a uma educação institucionalizada, que teria gerado profícuos romances que se ocupam da vida escolar e do amadurecimento dos heróis nessa fase. Segundo Mazzari (2010), as histórias de alunos em colégios internos aparecem na literatura a partir de alguns temas fundamentais, quais sejam:

1. Perda da proteção familiar e ingresso num cotidiano de lutas e desafios acirrados;
2. Contato com amplo espectro de tipos humanos, que vai do tirano mais implacável ao inevitável "bode expiatório";
3. Intensificação da crise da puberdade num meio que impossibilita uma orientação mais segura;
4. Relação conflituosa da sensibilidade artística e consciência crítica emergentes com formas autoritárias de transmissão do saber (Mazzari, 2010, p 167).

Tais temas aparecem fortemente nas obras sobre as quais o presente artigo se debruça, sobretudo, por simbolizarem uma tradição autoritária responsável pela formação dos sujeitos, enquanto estes vivenciam profundas modificações interiores.

Os famigerados internatos de *O jovem Törless* e *Retrato de um artista quando jovem* forçam os heróis a se adequarem, mas esse processo é torturante de tal forma que despertam uma subjetividade latente, um espírito individual que não quer estar integrado. A educação de Törless, por exemplo, é forçosa. Por um lado, pressionado pelos colegas, por outro, por seu próprio caráter. No caso de Stephen Dedalus, o espectro da Igreja e do pecado sempre avultam suas decisões. E a instituição não pode ajudar-lhes. Não é de se espantar o desprezo que ambos heróis desenvolvem por elas.

A juventude começa a desprezar a maturidade e a autodefinir-se em oposição a ela. Encorajada pela lógica interna da escola, onde o mundo externo desaparece e as várias classes exacerbam cada mínima diferença de idade, a juventude procura assim o próprio sentido dentro de si mesma (Moretti, 2020, p. 348).

Moretti (2020), declara que com a superação do indivíduo pela instituição, o retraimento ocorre da juventude para a regressão, dessa forma a maturidade não pode realizar-se como nas obras produzidas pela grande tradição do *Bildungsroman* do século XVIII. No século XX, o que se consolida é o paradigma de que a juventude não conduz naturalmente a maturidade, que a formação exemplar não está na harmonia entre indivíduo e sociedade, mas numa projeção anterior:

à medida que o processo de socialização se torna mais violento, a regressão torna-se mais aguda: com tantas probabilidades de ser ferido, é bastante razoável que o indivíduo tente ser, por assim dizer, cada vez menor. Nas trincheiras da Primeira Guerra, sob o fogo de artilharia, a posição mais segura era a fetal (Moretti, 2020, p. 352).

Com essa mudança, todo processo de socialização do indivíduo, que estava direcionado a uma educação subjetiva de seu interior, foi substituído pela relação do sujeito com as instituições pedagógicas as quais estava subordinado, mas em um processo frequentemente mediado pela autoridade, violência e repressão, como é o caso dos romances de Joyce e Musil, mas não somente, como *O Ateneu* e *Doidinho*, apenas limitando-se a exemplos nacionais. Esses cenários, fazem com que o jovem ao invés de se desenvolver com autonomia para o mundo interior, sofra um retraimento e falhe em seu processo de integração harmônico, por isso, Moretti (2020) considera que os romances de formação do século XX são atrofiações do gênero, em franca decadência.

Portanto, o projeto de um herói que empreende uma formação exemplar rumo a sua maturidade e integração social, dá lugar a história de um herói cujo desenvolvimento da excepcionalidade ocorre na regressão, "desenraizada, narcisista, regressiva" (Moretti, 2020, p. 349). Assim, depara-se com um mundo que deixa de ser produzido por ele e passa a agir contra si. Os obstáculos operam indiferente ao seu desenvolvimento subjetivo e contra sua formação, restando o sofrimento e, com isso, a retração.

No século XX, o problema da ascensão social é substituído pelo problema da extinção da concepção da idade adulta como sábia. [...] Os adultos eram, majoritariamente, pessoas que abusavam da autoridade e que desprezavam as particularidades de cada criança, o que fez com que, nos romances, houvesse uma aversão, por parte dos protagonistas, a se igualarem aos adultos já conhecidos, e assim, uma tendência à regressão para a adolescência ou até mesmo para a infância (Perdigão, 2020, p. 3).

Sendo assim, eles não querem mais se tornar adultos porque todo adulto é terrível, inclusive capaz dos atos brutais repressores dos quais os jovens são vítimas enquanto sob a tutela das instituições pedagógicas.

2 TÖRLESS E STEPHEN DEDALUS: OCASO DA FORMAÇÃO EXEMPLAR NO SÉCULO XX

Em 1906, o escritor austro-húngaro Robert Musil publicou *O jovem Törless*, seu romance de estreia. Contendo traços autobiográficos de sua experiência como aluno interno de colégio militar, Musil realiza o desenho da juventude de seu personagem título. Confinado no Internato em W., Törless tem como desafio central o seu desenvolvimento intelectual enquanto precisa lidar com seus próprios desejos, a confusão de sua alma e as atitudes de seus colegas.

O desejo é um dos grandes motivos do romance, a começar pela atração que o protagonista sente por um jovem que chega ao colégio, com trejeitos e feições femininas, passando por sua relação com a prostituta da província, Bozena, e ainda seu conflito sensual com o colega Basini. No caso da paixão juvenil, esta se desfaz porque os dois discutiram questões religiosas e, em um acesso insensato, zombavam do delicado príncipe. Em relação a Bozena, era movido pela excitação de se colocar em situação secreta e vulgar. Os dois primeiros eventos, embora passageiros, são episódios que se solidificam profundamente na mente do rapaz.

O caso do conflito com Basini, por seu turno, é um dos pontos principais da obra. Ao descobrirem que Basini estava cometendo pequenos furtos, três colegas de Törless decidiram manipulá-lo e conduzi-lo por uma degradante tortura seriada, incluindo agressão e castigos sexuais, humilhações físicas e psicológicas que rebaixaram o jovem. Essas ações se solidificam na personalidade de Törless e se desdobram em reflexões sobre seus próprios desejos e impulsos.

No primeiro momento, ele argumentara pela denúncia do delito à direção, mas os outros decidem manter Basini sob suas ordens. Posteriormente, Törless entrega-se, participa das agressões e mantém relações sexuais com o rapaz, enredando-se em uma complicada esfera que mistura desejo e crueldade. Toda a degradação a que ele é submetido é justificada pela suposta pretensão de educá-lo e expurgá-lo de seu crime.

Descobre-se ao longo da trama que o interesse de Törless por Basini não é apenas de ordem sexual, mas ontológico, ele decide, através da situação extrema na qual o outro se encontra, descobrir uma essência, realizar uma "missão espiritual" (Musil, 1981, p. 156) que estava além de sua compreensão durante o internamento. Törless busca encontrar uma resposta aos questionamentos internos através da observação minuciosa de como Basini lida com a degradação a qual é submetido. Além disso, demonstra verdadeiro e inconfesso regozijo em compartilhar os momentos de prazer com ele, chegando a cogitar estar apaixonado.

Sabia apenas que perseguia algo indefinido, num caminho que conduzia ao seu mais remoto interior; e isso o deixava exausto. Habitua-se a esperar por descobertas extraordinárias, coisas ainda secretas, e fora assim que chegara aos estreitos e tortuosos aposentos da sensualidade. Não por perversão, mas devido à sua momentânea desorientação psicológica (Musil, 1981, p. 156).

Em dado momento o narrador permite vislumbrar um momento já posterior à juventude onde, em retrospectiva, Törless avalia sua angustiada e sofrida passagem pelo colégio como resultado das “forças jovens e impetuosas retidas por trás dos muros cinzentos, a fantasia multiplicava imagens sensuais que punham muitos rapazes fora de si” (Musil, 1981, p. 155)

O internamento, na realidade, deforma e desvia Törless de sua formação, de modo que ao invés de se ver às voltas com educação intelectual, frequentando Kant, Goethe, Schiller, entre outros autores, ou dedicando-se à instrução militar, está participando da violência institucional e colocando-se sob a influência dos colegas que igualmente não demonstram capacidade de permitir uma educação positiva.

Essa relação distorcida com literatura e filosofia surtiu sobre o futuro desenvolvimento de Törless um efeito pernicioso, que lhe proporcionaria muitas horas tristes. Pois desviava sua ambição de seus verdadeiros objetivos e, privado deles, o jovem procurara outros, caindo sob a influência dos colegas, rapazes decididos e brutais (Musil, 1981, p. 106).

A instituição não tem capacidade alguma de ajudá-lo com suas elucubrações subjetivas, pelo contrário, ao procurar um professor com suas angústias matemáticas em

um momento de obsessão pelos números imaginários, este o garante que basta acreditar, que nessa fase de juventude o primordial é acreditar:

Por sorte, poucos alunos sentem isso, mas quando alguém, como você hoje – embora, como eu disse, me dê grande prazer –, vem realmente nos interrogar, só podemos dizer: caro amigo, você simplesmente precisa *acreditar*; quando um dia souber dez vezes mais matemática do que hoje, compreenderá; por enquanto precisa acreditar! (Musil, 1981, p. 104, grifos do autor).

Entretanto, a situação com Basini, cada vez mais agravada, satura Törless, que não vendo mais sentido naquilo, decide afastar-se. Como os colegas estavam preparando mais uma sessão de humilhações a Basini, dessa vez pública, Törless aconselha-o a entregar-se e foge do internado, pois, acreditando que seria implicado na situação, não podia suportar a angústia: “Esse pequeno passo que ainda o separava do fim de seu desenvolvimento mental assustava-o como um monstruoso abismo” (Musil, 1981, p. 182).

Como orientado, Basini se entrega, é expulso e uma investigação é instaurada. Dias depois, Törless é encontrado, bastante doente, mas não é acusado de delito algum. Ele retorna desorientado e em seu depoimento age como se tivesse operado em si uma completa mudança em seu interior, com “uma arrogante superioridade diante dos homens de mais idade que pareciam saber tão pouco sobre os estados da alma” (Musil, 1981, p. 187). Porém, não se pode dizer que a maturidade de fato foi atingida, afinal, no final do romance, ele pede para ser retirado do colégio e volta ao seio da família, pronto para aspirar “o odor levemente perfumado que se evolava do regaço de sua mãe” (Musil, 1981, p. 193).

Nesse sentido, o escritor J. M. Coetzee (2011) argumenta que a conclusão do enredo não deixa claro que Törless tenha se tornado um homem melhor depois das experiências que viveu no colégio, sobretudo, porque a saída que encontra para lidar com a complexidade das situações que vivencia e o fariam, portanto, amadurecer, é simplesmente evitar uma análise minuciosa de sua interioridade. Sua fuga e posterior desorientação são a concretização de sua negativa em encarar o abismo das experiências extremas a que submeteu Basini e a si próprio durante seu internamento, com isso, decide pelo retraimento de seu interesse pelo colega e por qualquer outro tema ontológico.

Uma década depois do romance de estreia de Musil, em 1916, *Retrato de um artista quando jovem*, do autor irlandês James Joyce, foi publicado, porém seu processo de escrita se iniciou ainda em 1904, sendo finalizado em 1914. O romance narra a juventude e maturidade de Stephen Dedalus, seus embates com a religião, suas relações com os colegas de internato, a família e as contradições internas. Nesse período ocorre seu amadurecimento intelectual e espiritual, quando ao fim revoga seu compromisso com a Igreja.

As semelhanças entre os dois romances são observadas desde o episódio inicial, onde os pais se despedem de seus filhos, ainda insípidos e imaturos, que estão sendo enviados para realizar sua formação em colégios internos. Em ambos os casos, demonstra-se uma grande comoção das mães, que veem seus filhos saírem dos cuidados

domésticos com a promessa de se tornarem grandes homens por meio da instituição as quais lhes confiam.

É o Colégio Clongowes o eleito para conduzir a formação do jovem Dedalus tanto através da doutrina jesuíta, quanto por permitir uma educação que envolva discussão de temas como estética, filosofia, literatura e colocá-lo em contato com grandes pensadores.

Antes de tornar-se uma figura respeitada entre os pares do colégio, Stephen ela diminuído por eles, a quem consideravam bobo e alvo de constrangedoras brincadeiras, como no episódio em que lhes perguntam se ele beija ou não a mãe antes de dormir e independente de qual seja a resposta, o garoto se torna motivo de gozação, ou ainda sofrendo investidas desnecessariamente violentas, como se observa no trecho que segue:

Fora Wells quem o empurrara para dentro da valeta na véspera, só porque não quisera trocar o seu pequeno estojo pelo bastão de críquete dele, que era de carvalho bem-amadurecido e com o qual havia conquistado tantas vitórias (Joyce, 2012, p. 17).

A consideração pelos colegas só é conquistada após um momento constrangedor que passa em sala de aula: tendo quebrado seus óculos, fora dispensado pelo professor das lições enquanto aguardava um novo. Entretanto, o prefeito de estudos não lhe dá crédito e o castiga. Em seguida, o garoto se vê obrigado a queixar-se com o diretor e com esse ato, torna-se um representante dos colegas em assuntos estudantis, é a ele que recorriam sempre que precisam que alguém intervenha pelos discentes frente aos comandos da direção.

Essa postura também lhe traria posteriores desafetos, como no caso do camarada Heron que o diminui porque “Dedalus não fuma. É um jovem modelo. Não fuma nem vai aos bazares. Também não namora” (Joyce, 2012, P. 84). Se por um lado o jovem se via obrigado a uma moral irretocável, por outro era julgado pelos colegas por não permitir uma juventude comum. Seu posicionamento, quase eclesiástico, seria motivo de chacota e até de um covarde combate físico, mas também de um posterior pedido do clérigo para que considerasse ingressar na Ordem.

A questão da moral persegue os heróis de ambos os romances. A título de exemplificação, retomando o romance de Musil, Törless estava envolto na conflituosa situação causada por seus colegas, mas não sabia como livrar-se delas sem delatar os companheiros, de modo que chega até escrever para casa, pedindo conselhos, ao que é orientado pelos pais a “dar a oportunidade a Basini de se corrigir, e acharam que não se devia perturbar o curso da vida de uma pessoa apenas por causa de um pequeno erro” (Musil, 1981, p. 68). Já Stephen, desde cedo recebera a orientação que punha sua moral em confronto com os dilemas internos, referente às traquinagens que seus colegas pudessem cometer no internato, como quando adoeceu por causa do incidente na valeta e ainda assim protegeu os culpados.

Ao longo da narrativa, rodeia o protagonista uma falha na trajetória, pela paixão e sexualidade, primeiramente pela menina Eileen, a quem Stephen adorava desde criança e possuía “mão que pareciam marfim; só que tenra” (Joyce, 2012, p. 49), em alusão a Torre de Marfim que representa a imagem da Virgem Maria, depois com o encontro com

prostitutas e sua entrega aos prazeres da carne, que lhe parece um pecado “que o havia feito esconder-se da vista de Deus, o tinha levado mais para perto do refúgio dos pecadores” (Joyce, 2012, p. 114).

A perda da castidade se dá longe dos jesuítas, quando ele retorna de férias para casa. E também marca a transição dele de um colégio infantil, para um outro juvenil, mas ainda regido pela Ordem jesuíta. A religião perseguiu toda a trajetória do jovem. É também a iniciação sexual e o medo profundo de que isso tenha definido seu caminho para o inferno que marca o jovem Dedalus. O medo e o temor causam profundo desespero em seu interior.

A terrível tensão entre dedicar-se fielmente aos desígnios de Deus, da Igreja e da fé o levam a condenar a si mesmo, vivendo pelo terror de ser castigado por seu pecado ao qual “todo o ódio de Deus era dirigido. A lâmina do pregador tinha provado profundamente dentro da sua consciência entreaberta; e sentia agora que a sua alma estava ulcerada com o pecado” (Joyce, 2012, p. 124).

Entretanto, a pressão que a instituição da Igreja exerce sobre si não é suficientemente forte para determinar sua consonância com o mundo e permitir uma tranquilidade que concilie existência interior com a organização social do mundo, por isso, rebela-se:

Não servirei aqui em que não acredito mais, chame-se isso o meu lar, a minha pátria ou a minha Igreja: e vou tentar exprimir-me por algum modo de vida ou de arte tão livremente quanto possa, e de modo tão completo quanto possa, empregando para a minha defesa apenas as armas que eu me permito usar: silêncio, exílio e sutileza (Joyce, 2012, p. 265).

É por meio dessa recusa às crenças impostas que Stephen consolidaria sua maturidade, não deixando-se mais conduzir por instituições como a Igreja ou a família. Entretanto, o que se segue no romance é a descrição da banalidade dos dias, representada pela estrutura narrativa que passa a registrar os fatos por meio de entradas de diário. Nada se conclui, nada extraordinário ocorre. O final do romance apresenta o rapaz partindo “a fim de moldar, na forja da minha alma, a consciência ainda não criada na minha raça” (Joyce, 2012, p. 272). A formação não se completa aí, ela se inicia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Bildungsroman* é um gênero narrativo que se caracteriza por descrever a trajetória exemplar de desenvolvimento do herói. Surgiu no século XVIII na Alemanha, mas foi reformulado e replicado por outras nacionalidades ao longo de todo o século XIX. Iniciando o século XX, o professor Franco Moretti propõe que a forma simbólica do romance de formação entrou em crise. Sob essa perspectiva, este trabalho analisou *O jovem Törless*, de Robert Musil e *Retrato de um artista quando jovem*, de James Joyce.

O conceito de *Bildungsroman* passa também pela inadequação de seus heróis ao seu meio social, o que ocorre na formação de Stephen Dedalus e de Törless. Ainda que confinados em um ambiente que deveria educá-los, ambos descartam essa orientação em detrimento de seus próprios interesses, pois estão inadequados ao modelo imposto pelas

instituições. Paralelamente, ao invés de serem conduzidos por uma jornada que os aproxime da unidade social da vida pública, eles se individualizam cada vez mais e assumem uma postura de distanciamento.

Os espaços apresentados aparecem como agentes de sofrimento ou medo: no caso de Törless, um ambiente violento e torturante, que atrofia o caráter dos jovens ao invés de permitir um crescimento exemplar; com Stephen um espaço repressor, onde a disciplina e a religião conduzem, igualmente, a uma retração do desenvolvimento intelectual. O colégio é elemento central em ambas narrativas porque representam o local supostamente adequado para o embate entre o desenvolvimento de uma subjetividade e o convívio social com personalidades distintas, pois reproduz o microcosmo que se apresenta na sociedade, sobretudo tratando-se dos valores do início do século XX, baseados na valorização da racionalidade e o crescimento da importância das instituições.

Responsáveis pela tutela dos jovens, as instituições não oferecem experiências emancipatórias. No caso das atividades sexuais vivenciadas, particularmente, são ilícitas, mas também são elas que os despertam para uma consciência exterior, que transcende o que é imposto pelos colégios aos quais estão subordinados, além de demonstrar um caminho de desenvolvimento diferente: pelo prazer.

Ambos apresentam formação deficiente porque esta lhe foi imposta por meios rígidos de adequação e subserviência, não por escolha e autorrealização. O aprendizado é direcionado por uma instituição, que através da coerção, causa um retraimento. Por esse motivo, Törless, atordoado, decide voltar para casa, para a segurança dos pais, sem completar sua trajetória, de igual modo, Stephen só pode conduzir suas próprias escolhas quando está livre de seus laços religiosos, a partir dali poderá dar prosseguimento a formação de sua alma.

Observou-se que, confirmando os argumentos de Moretti (2020), à medida que o processo de socialização se torna mais violento, mais os protagonistas se retraem, a cada novo obstáculo que se apresenta, seja pela autoridade dos colegas, da Igreja ou do colégio, ocorre uma regressão mais profunda em suas personalidades. Nenhum dos dois romances finaliza com uma consonância entre protagonista e o mundo, uma "solução" visível para uma integração simbólica, de modo a concretizar uma efetiva educação. O desfecho sem desarmonia com o conjunto social está relacionado aos traumas da juventude, ao contexto histórico conflituoso do século XX, a fragmentação dos sujeitos modernos e forças coercitivas das instituições educacionais onde os heróis são internados.

Considerando as interpretações arroladas, demonstrou-se que os heróis dos romances analisados sofrem uma retração, justificando o argumento de Moretti (2020) de que a forma simbólica do *Bildungsroman* apresenta uma crise no século XX e produz romances de formação tardios, pois Törless e Stephen Dedalus falham em concretizar uma consonância que estabeleça suas formações.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo Martins Fontes, 1997.
COETZEE, J. M. *Mecanismos internos: ensaios sobre literatura (2000-2005)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- JOYCE, James. *Retrato de um artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.
- MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. *Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MORETTI, Franco. *O romance de formação*. São Paulo: Todavia, 2020.
- MUSIL, Robert. *O jovem Törless*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- PERDIGÃO, H. R. S.. *Welcome, o life!*: O Künstlerroman de James Joyce como galho morto do Bildungsroman. *Revista Investigações*, Recife, v. 33, n. 1, p. 1 - 20, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/245088>>. Acesso em 11 jan 2023.